

Dr. David A. deSilva , Hebreus, Sessão 2, Hebreus 1:1-2:4: Atender à Palavra Falada pelo Filho é a Maior Prioridade

© 2024 David deSilva e Ted Hildebrandt

No primeiro segmento de Hebreus, Hebreus capítulo 1:1 a 2, 4, observamos um fluxo argumentativo construído com muito cuidado. Como há tanto material nesses 18 versículos, é fácil ignorar o silogismo básico que fundamenta o que o autor está tentando realizar nesta abertura, o objetivo retórico que todos os detalhes individuais servem. Em 1, 1 a 4, o autor faz uma declaração de abertura retoricamente impressionante pela qual ele certamente capturará a atenção de seus ouvintes, um dos objetivos principais da abertura de um discurso.

Aqueles que ouvem esta abertura, cheia de floreios retóricos e estruturação cuidadosa, podem ter certeza de que ouvirão um orador talentoso ao longo deste sermão de uma hora. Em 5 a 14 capítulo 1, versículos 5 a 14, o autor apresenta uma enxurrada de citações do Antigo Testamento. Isso também contribui para ganhar uma audição atenta, pois ele comunica aos seus ouvintes que eles estarão ouvindo um orador autoritário, um especialista nos oráculos sagrados de Deus e, portanto, alguém que provavelmente abrirá os oráculos de Deus para eles de forma confiável.

No capítulo 2, versículos 1 a 4, o autor explicitamente tira uma conclusão desse argumento de abertura, que então soa como a nota-chave para o sermão como um todo, pois ele chama os ouvintes a continuarem prestando atenção à mensagem de Cristo que ouviram e não se afastarem. Nessa abertura, encontramos esse silogismo essencial. Deus falou conosco por um filho.

Este filho é muito maior que os anjos. É, portanto, mais urgente que atendamos à mensagem falada por meio do filho do que era para as gerações anteriores atenderem à mensagem que Deus entregou por meio dos anjos. No primeiro século, acreditava-se que os anjos tinham sido instrumentais na entrega da lei de Deus, a Torá, a Moisés.

O autor está argumentando que a mensagem falada no Filho exige mais atenção, mais obediência e mais comprometimento diligente do que até mesmo a Torá, a lei de Moisés, exigia daqueles a quem ela havia sido falada. Manteremos em mente esse argumento maior que o autor está construindo ao longo de 1:1 a 2:4 à medida que avançamos para uma análise mais detalhada da passagem versículo por versículo. Na antítese de abertura no capítulo 1, versículos 1 a 2, ouvimos essa sonora declaração de abertura.

Em muitas partes e de muitas maneiras, Deus falou há muito tempo com nossos ancestrais nos profetas, mas no final destes dias, ele falou conosco em um filho. Em uma apresentação anterior, exploramos a antítese que está sendo criada aqui. Há três elementos no primeiro verso que são paralelos no segundo verso, e todos se posicionam antiteticamente um em relação ao outro.

Deus estava falando há muito tempo, em oposição a agora, no final deste período de tempo. Deus estava falando aos ancestrais. Deus está falando conosco agora.

Deus falou por meio de mensageiros honrados, mas inferiores, os profetas. Deus falou mais recentemente por meio de seu filho. Há uma força retórica em cada um desses pares opostos, como o autor continuará descrevendo.

Em primeiro lugar, o Filho possui maior dignidade do que os profetas. O que é comunicado por meio do filho, portanto, tem maior gravidade e exige maior atenção e obediência. O que foi falado há muito tempo tem importância, é claro, como oráculos divinos, mas o que é falado no tempo presente é de momento ainda maior porque foi falado para esta mesma audiência, aumentando sua responsabilidade de responder bem ao que Deus havia dito.

Um elemento na frase de abertura não tem uma contrapartida na segunda cláusula antitética, a saber, o fato de que o que foi falado formalmente foi falado em muitas partes e de muitas maneiras. Isso fornece uma pista, no entanto, para a hermenêutica do autor, enquanto o autor vasculha o Antigo Testamento em busca das muitas partes e dos meios divinos da revelação divina espalhados pela história sagrada de Israel e os reúne de uma forma caleidoscópica em uma leitura centrada em Cristo desses oráculos. O restante do capítulo 1, versículos 5 a 13, fornece um grande floreio de abertura a esse respeito, retirando algumas dessas muitas partes da revelação de 2 Samuel, dos Salmos e de Deuteronômio de uma forma caleidoscópica para mostrar como essas muitas partes se reúnem na única palavra divina focada falada e realizada em Cristo.

O parágrafo de abertura de Hebreus diz algumas coisas muito interessantes sobre o Filho e nos dá um testemunho cristão muito antigo sobre pensar sobre Jesus antes de sua encarnação. Como pano de fundo para este parágrafo, no entanto, precisamos olhar para as tradições de sabedoria judaica dos Provérbios através do período intertestamentário como a matéria-prima que o autor de Hebreus usa quando pensa sobre a carreira do Filho pré-encarnado. Isso começa com uma personificação da sabedoria como Senhora Sabedoria em Provérbios capítulo 8. A Senhora Sabedoria está dando um discurso lá, e ela diz: Quando Deus estabeleceu os céus, eu estava lá.

Quando ele desenhou um círculo na face do abismo, quando ele firmou os céus acima, quando ele estabeleceu as fontes do abismo quando ele atribuiu ao mar seu

limite para que as águas não transgredissem seu comando, quando ele marcou os fundamentos da terra, então eu estava ao lado dele como um mestre-obra, e eu era diariamente seu deleite, regozijando-me diante dele sempre, regozijando-me em seu mundo habitado e deleitando-me na raça humana. Neste poema bastante antigo sobre sabedoria, encontramos a ideia de que Deus tinha um parceiro na criação, que havia uma figura ao lado de Deus quando Deus criou os céus e a terra. A ideia da sabedoria como parceira de Deus na criação persiste, e então Provérbios retoma a tradição da sabedoria judaica e a perpetua.

Vemos esse desenvolvimento, por exemplo, no livro conhecido como A Sabedoria de Salomão. Esse era um texto judaico composto em grego em algum lugar da diáspora mediterrânea nas primeiras décadas do primeiro século d.C. O autor desse texto também afirma que a sabedoria desempenhou um papel na criação do cosmos por Deus.

A sabedoria foi a criadora de todas as coisas, e ela estava presente com Deus quando Deus criou o mundo. A sabedoria é creditada por desempenhar um papel na governança contínua e na sustentação da ordem criada. Ela renova todas as coisas enquanto permanece em si mesma, diz o autor, e ela ordena todas as coisas bem.

Afirmações também são feitas sobre a natureza da sabedoria e o caráter da sabedoria, indo além de qualquer coisa que encontramos em Provérbios. Por exemplo, novamente em Sabedoria de Salomão 7, lemos que a sabedoria é, entre aspas, o reflexo da luz eterna e a imagem da bondade de Deus. A sabedoria é, portanto, imaginada como um reflexo do próprio caráter de Deus e também como uma figura mediadora entre Deus e a criação, não apenas no ato da criação em si, mas na sustentação contínua da ordem criada por Deus, de modo que hoje, amanhã e o dia seguinte dependem de alguma forma do trabalho contínuo da sabedoria ao lado de Deus.

Também, na contemplação da sabedoria das obras de Deus, tinha-se acesso a um reflexo da bondade e perfeição do Todo-Poderoso. Tradições como essas se tornaram a matéria-prima para a Cristologia na igreja primitiva. A sabedoria, a mediadora de Deus, tinha recebido um rosto definido na pessoa de Jesus.

Assim, os detalhes da vida pré-encarnada do Filho como um agente da criação, como poder sustentador e como um reflexo da própria imagem de Deus foram preenchidos por meio do conhecimento cultural judaico sobre a sabedoria. O autor segue suas declarações iniciais sobre Deus falando uma palavra definitiva no Filho com um elogio ao Filho, ou seja, algumas linhas louvando, glorificando e expandindo a honra do Filho. Por um lado, isso serve diretamente ao propósito de ampliar a importância da palavra que foi falada em um Filho, pois a honra do mensageiro tem um impacto na honra devida à mensagem.

Em segundo lugar, no entanto, também nos dá algumas janelas importantes sobre como os primeiros cristãos pensavam sobre Cristo. E assim, vemos, Deus falou em um Filho a quem ele estabeleceu como herdeiro de todas as coisas, por meio de quem ele também criou as eras, que é a representação exata de sua glória e selo de seu ser, suportando todas as coisas pela palavra de seu poder. Tendo feito a purificação dos pecados, ele se sentou à direita da majestade nos lugares exaltados.

A primeira alegação que é feita aqui em nome de um Filho é que Deus o designou como herdeiro de todas as coisas. Na declaração, o autor parece estar se baseando na linguagem do Salmo 2, que foi um dos chamados salmos reais ao lado, por exemplo, dos Salmos 45, 46 e 110. Esses salmos reais foram compostos para celebrar o rei davídico ou qualquer um dos sucessores de Davi como reis davídicos.

Nos longos séculos após a independência da Judeia chegar ao fim em 586 a.C. com a conquista babilônica de Jerusalém, esses salmos começaram a ser lidos com vistas a uma futura restauração da monarquia. Eles se tornaram salmos messiânicos. À medida que os judeus continuaram a recitar esses salmos, eles continuaram a manter viva a esperança de que Deus um dia restauraria o reino a Israel.

Esses salmos messiânicos são muito importantes para a reflexão cristã primitiva sobre Jesus, e veremos ao longo de Hebreus como esse autor, em particular, continua a explorá-los à medida que desenvolve seu entendimento e apresenta seu entendimento de Jesus. No Salmo 2, versículo 8, Deus é apresentado como o orador, e ele diz ao monarca davídico, peça-me, e eu lhe darei as nações como herança e os confins da terra como sua possessão. Ao falar de Jesus como herdeiro de todas as coisas, o autor está identificando Jesus, ou o filho, como aquele a quem essa promessa, essa promessa messiânica, foi feita, e assim compartilha a antecipação não apenas do reino de Israel sendo dado ao filho, mas toda autoridade sobre a terra sendo dada ao filho.

Por que ele deveria focar assim no status do filho? Ao longo do sermão, encontraremos o autor construindo sobre o que ele afirma neste capítulo de abertura como. Primeiro, ele promete aos ouvintes ou lembra aos ouvintes que eles mesmos terão uma parte na honra do filho. Onde Jesus foi, eles seguirão. A honra com a qual o filho foi investido se espalhará para os muitos filhos e filhas também.

Assim, focar no status do filho por excelência também é, em parte, um remédio para a desgraça que caiu sobre muitos filhos e filhas, assegurando-lhes que a vergonha que seu vizinho faz deles não é a última palavra sobre seu valor, mas sim que Deus terá a última palavra sobre seu valor quando eles entrarem na mesma herança em que Jesus entrou. O autor também usará o status do filho em seus avisos à congregação contra a quebra da fé com Jesus. Ou seja, quanto maior o status daquele a quem eles estariam insultando ao se afastarem da assembleia cristã em

prol da amizade com o mundo, maior o perigo das consequências que recairiam sobre eles por afrontar tal pessoa.

Assim, à medida que o autor continua a expandir o status exaltado do filho, ele continua a destacar a importância de responder a este Jesus apropriadamente neste momento. A segunda afirmação que o autor faz sobre o filho é que, por meio dele, Deus também fez ou criou as eras. Este é um lugar em particular onde as tradições de sabedoria alimentam a Cristologia Cristã primitiva.

O que antes era dito sobre a sabedoria ser parceira ou agente de Deus na criação é agora dito sobre o Filho. É através do filho que Deus criou o mundo. É o filho que foi o agente na criação.

Pode-se comparar isso com o que se encontra em Colossenses no capítulo de abertura, onde Paulo diz que Jesus é o primogênito de toda a criação porque nele todas as coisas foram criadas nos céus e na terra, coisas visíveis e invisíveis, sejam tronos ou dominações ou governantes ou autoridades, todas as coisas foram criadas por ele e para ele. Pode-se também comparar o que encontramos em Hebreus com os versículos de abertura do quarto evangelho, onde lemos que o princípio era a palavra, e a palavra estava com Deus, e a palavra era Deus. Ele estava no princípio com Deus.

Todas as coisas foram feitas por meio dele, e sem ele nada foi feito. Assim, o autor de Hebreus compartilha dessa conversa cristã primitiva mais ampla sobre o filho como agente de Deus na criação, onde vemos uma tendência generalizada de usar tradições de sabedoria judaica para avançar a Cristologia. Implícito nessa afirmação sobre o filho está o conhecimento geral sobre o que é devido ao criador.

Aqueles que foram criados, que receberam o dom de ser em si, devem tudo àquele que lhes deu esse dom. Este é o princípio ético básico que não apenas o judeu, mas também o gentio reconheceria prontamente. O próprio Aristóteles diria em sua ética a Nicômaco que, por causa do papel de Deus na criação dos humanos, devemos a eles toda a adoração que podemos dar.

Uma terceira afirmação que o autor faz sobre o Filho é que ele é a efulgência ou o brilho da glória de Deus e o selo exato do ser de Deus. Aqui também, encontramos tradições de sabedoria, especialmente aquelas sobre as quais lemos em Wisdom of Solomon, alimentando a cristologia cristã primitiva. O autor de Wisdom of Solomon falou da sabedoria como a imagem da bondade de Deus, como a representação exata do caráter de Deus.

Isso agora está sendo aplicado ao filho. É em Jesus que se vê mais perfeitamente a imagem ou as impressões do selo de Deus, por assim dizer. Isso também ressoa amplamente com o discurso cristão primitivo.

Por exemplo, novamente no Evangelho de João, capítulo 14, versículo 9, Jesus diz: Se vocês me viram, viram o Pai. Ou, como Paulo escreveu em Colossenses 1.15, Cristo é a imagem do Deus invisível. Mais uma vez, nosso autor compartilha uma ampla tendência cristã de olhar para tradições de sabedoria para falar sobre o significado deste Jesus como, com efeito, a representação visível do Todo-Poderoso.

Outra alegação feita em nome de Cristo é que ele suporta todas as coisas por sua palavra poderosa. Ao suportar todas as coisas, o autor está aqui falando sobre sustentar todas as coisas, continuar a carregar todas as coisas por sua palavra poderosa. Vimos isso refletido em Wisdom of Solomon em uma alegação feita em nome da Senhora Sabedoria, que renova todas as coisas e sustenta todas as coisas por sua palavra.

Também vemos uma afirmação semelhante feita em Colossenses 1:17, de que todas as coisas são estabelecidas nele. Todas as coisas são sustentadas em Cristo. Assim, novamente, as tradições de sabedoria informam as primeiras convicções cristãs sobre o que o Filho estava fazendo antes de sua encarnação como Jesus.

O autor muda aqui para uma grande realização do filho em virtude de sua encarnação. Ele fez purificação pelos pecados. Esta, incidentalmente, é mais uma característica do elogio a Jesus em Colossenses 1, onde no versículo 14, lemos, "...em quem temos a redenção, a remissão dos pecados." É apropriado que as introduções dos discursos introduzam os principais tópicos que serão abordados no corpo do próprio discurso.

É precisamente isso que o autor faz, já que a maneira e as consequências do sacrifício de Jesus, sua purificação dos pecados, serão o tópico principal dos capítulos centrais deste sermão, a saber, os capítulos 7 a 10. O autor também apresenta aqui, de forma bastante sutil, mais um lembrete da dívida que os ouvintes têm com tal benfeitor. Este Jesus, que como filho pré-encarnado foi o criador e sustentador do cosmos, mas como filho encarnado foi o redentor de cada um deles, que os trouxe de volta a Deus a um custo tão pessoal para si mesmo.

O autor rapidamente segue isso com um lembrete de onde Jesus está no presente. Tendo feito a purificação dos pecados, ele se sentou à direita da majestade nos lugares exaltados. O autor está aqui se baseando na linguagem do Salmo 110, cujo primeiro versículo foi um texto importante na igreja primitiva.

O Senhor disse ao meu Senhor, senta-te à minha direita até que eu faça dos teus inimigos um escabelo para os teus pés. É digno de nota que o Salmo 110 é outro salmo real, originalmente escrito como um salmo sobre, até mesmo falado para, o monarca davídico. Assim, ele se torna um importante recurso messiânico nos séculos seguintes ao desaparecimento da monarquia davídica e da independência da Judeia.

Textos como o Salmo 110 fornecem ao autor informações sobre a carreira do Filho após o ministério terreno de Jesus, assim como as tradições de sabedoria fornecem as informações para o período anterior à encarnação. O lembrete inicial da exaltação do Filho, que, como o Messias crucificado, também foi o mais marginalizado, desonrado e afligido, é um tópico que desempenhará um papel importante ao longo deste sermão. Ou seja, a vergonha neste cosmos visível e temporário não é reflexo do valor de alguém na eternidade.

E o caminho que o Filho tomou através da marginalização e da vergonha é o caminho que o levou ao lugar de maior honra no cosmos na corte de Deus. Isso ajudará, mesmo desde o início, a lembrar os ouvintes de que o caminho para a maior honra pode de fato ser aquele caminho de desgraça temporária duradoura, o caminho que eles mesmos têm trilhado há algum tempo. E, novamente, lembrar aos ouvintes do status exaltado do Filho implicitamente os lembra das consequências para todos que não entraram ou escolheram permanecer em um relacionamento de patrono-cliente com este Filho, consequências que o autor tornará explícitas no final do capítulo 1, ao citar o Salmo 110, versículo 1 na íntegra: "Senta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por escabelo dos teus pés". O autor, portanto, lembra aos ouvintes, ao mesmo tempo, do privilégio de estar conectado a uma figura tão exaltada, mas também das consequências de se desconectar de tal figura, de agir de tal maneira que alguém se torna um inimigo do Filho em vez de um membro leal da casa do Filho.

O autor encerra suas declarações de abertura sobre a grandeza, o status e as realizações do Filho com uma declaração sobre a honra relativa do Filho em relação aos anjos. Ele fala do Filho ter se tornado muito maior do que os anjos, pois o nome que ele herdou é mais distinto do que o deles. Isso naturalmente levanta a questão de por que o autor agora começou a se concentrar nos anjos. Se tivermos em mente para onde o autor está indo, ou seja, capítulos 2:1 a 4, e essa exortação, saberemos a resposta para essa pergunta.

O autor está estabelecendo a maior honra do Filho em relação aos anjos para o bem de chamar por uma resposta ainda mais seriamente comprometida à palavra falada por Deus no Filho do que a resposta exigida pela palavra falada através dos anjos. Precisamos parar um pouco e pensar sobre os anjos no judaísmo primitivo para apreciar o contexto da declaração do autor aqui e as declarações que ele fará ao longo do restante deste capítulo. Os anjos, é claro, são conhecidos em todos os textos judaicos como parte da comitiva celestial de Deus.

Eles são ministros de Deus, agentes de Deus que entregam as mensagens de Deus, e eles decretam os julgamentos e punições de Deus sobre os transgressores. Eles são frequentemente vistos intervindo para proteger os servos de Deus e os clientes de Deus. Os anjos também são frequentemente vistos em livros históricos ou livros do

período do Segundo Templo, lutando contra os inimigos de Israel como um exército celestial.

Um papel particular dos anjos que se desenvolve no período do segundo templo é seu papel como mediadores dos pedidos do povo de Deus, mediadores do favor divino, de respostas às orações. Os arcanjos estão na própria presença de Deus. Eles são, de fato, frequentemente chamados de anjos da presença.

Portanto, eles começam a ser vistos como bem posicionados para garantir o favor de Deus para os clientes de Deus que estão mais distantes de Deus na esfera terrena. Pensa-se cada vez mais que os anjos direcionam as orações dos justos a Deus. Podemos encontrar isso em livros extracanônicos como Primeiro Enoque, Tobias ou no livro do Apocalipse.

Funções sacerdotais começam a ser atribuídas a anjos, pois a habitação de Deus no céu é cada vez mais vista como um templo celestial. Os anjos se tornam sacerdotes e ministros das cortes do templo celestial, do qual o ministério de Levi e seus descendentes será um reflexo na Terra. A expressão mais marcante disso vem do Testamento de Levi, um dos testamentos dos doze patriarcas provavelmente composto durante o primeiro século a.C.

Ali lemos, ali com ele, com Deus, estão os arcanjos que servem e oferecem sacrifícios propiciatórios ao Senhor em nome de todos os pecados de ignorância dos justos. Eles apresentam ao Senhor um odor agradável, uma oblação racional e sem sangue. Isso tem alguma relevância para Hebreus.

No primeiro século d.C., os ouvintes podiam pensar em anjos, Moisés e os sacerdotes levíticos como, de alguma forma, todos mediadores do favor de Deus e garantidores da ajuda divina para o povo de Deus. Assim, o autor de Hebreus mantém todos os três juntos ao comparar primeiro os anjos, depois Moisés, depois os sacerdotes levíticos a Cristo, mostrando que todos os mediadores empalidecem em comparação com Jesus, nosso grande sumo sacerdote. Outro papel importante atribuído aos anjos cada vez mais durante o período do templo é o papel de mediadores da Torá.

Na carta de Paulo aos Gálatas, por exemplo, Paulo escreve, por que então a lei? Ela foi adicionada por causa das transgressões até que viesse a descendência a quem a promessa havia sido feita. E foi ordenada por meio de anjos por um mediador. A mesma ideia é refletida no livro de Atos, no discurso de Estêvão em Atos capítulo 7. Estêvão diz que Moisés era aquele que estava na congregação no deserto com o anjo que falou com ele no Monte Sinai e com nossos ancestrais, e ele recebeu oráculos vivos para nos dar.

Stephen fala então novamente perto do final de seu sermão, dizendo que vocês são os que recebem a lei conforme ordenada pelos anjos, e ainda assim não a

guardaram. Esse contexto também é relevante para Hebreus porque em Hebreus capítulo 2 versículo 2, o autor falará da palavra que foi falada por meio de anjos, pela qual ele claramente quer dizer a aliança mosaica, a lei que foi dada agora não por Deus diretamente, mas pelos mediadores e mensageiros de Deus, os anjos. A afirmação do autor no capítulo 1, versículo 4 de que o filho é em tal grau maior do que os anjos quanto o nome que ele herdou é maior do que o deles se torna o ponto de partida para uma série de citações bíblicas no restante do capítulo 1. Muitas vezes é esquecido que essas citações desenvolvem uma série de argumentos em apoio à afirmação do autor, não que alguém na audiência contestaria seriamente a afirmação de que o filho era maior do que os anjos.

Devemos ler este capítulo ainda como o autor construindo um terreno comum com seu público, em vez do autor entrando em pontos de disputa com seu público. A picada de tudo o que o autor está dizendo no capítulo 1 virá no capítulo 2, versículo 1, seguindo seu portanto. Esta sequência de citações bíblicas se divide em três blocos de argumentação.

O primeiro está nos versículos 5 e 6, o segundo se estende pelos versículos 7 a 12, e o terceiro nos versículos 13 e 14. No primeiro bloco, lemos, pois a qual dos seus anjos Deus já disse: tu és meu filho, hoje eu te gerei. E novamente, eu serei para ele um pai, e ele será para mim um filho.

O autor aqui cita primeiro o Salmo 2 versículo 7 e depois 2 Samuel capítulo 7 versículo 14, ambos textos que estão no cerne da ideologia monárquica davídica. Eles se tornaram, no entanto, textos messiânicos, pois Israel como um todo continuou a trabalhar sob a dominação gentia, esperando o dia em que Deus poderia restaurar a independência da Judeia e uma monarquia independente, de preferência da casa de Davi. O autor de Hebreus assume que seus ouvintes concordarão em ler um texto como o Salmo 2 ou 2 Samuel 7 14 messianicamente e particularmente como falado sobre o filho, Jesus.

Esta abertura também forma uma inclusão elegante com o Capítulo 1, versículo 13; tanto o versículo 5 quanto o versículo 13 abrem com a mesma pergunta retórica: a qual dos anjos Deus alguma vez disse? O segundo passo neste argumento envolve uma variação de Deuteronômio 32, versículo 43. Como o autor escreve, mas quando ele novamente conduz o primogênito para o reino habitado, ele diz, e que todos os anjos de Deus o adorem. Este texto é conhecido do cântico de Moisés em Deuteronômio 32.

Há alguma variação interessante, no entanto, no texto de Deuteronômio 32 versículo 43. O texto massorético, do qual a maioria de nossas traduções inglesas do Antigo Testamento dependem, não tem esta cláusula de forma alguma: que todos os anjos de Deus o adorem. Na Septuaginta, a tradução grega do Antigo Testamento corrente no primeiro século, lê-se: que todos os filhos de Deus o adorem.

Em Hebreus, é que todos os anjos de Deus o adorem. É possível que nosso autor tenha ajustado um pouco o texto para melhor se adequar à cosmologia que ele e seus ouvintes afirmam. Falar de múltiplos filhos de Deus pode ter feito sentido no contexto de Deuterônimo e do antigo Israel.

Nos períodos do Segundo Templo e do Novo Testamento, no entanto, os autores judeus eram muito menos propensos a falar de filhos celestiais de Deus ou outros seres potencialmente divinos. Então, interpretar isso como anjos teria feito muito mais sentido. Quando esse evento acontece, no entanto? Quando os anjos de Deus devem adorar o Filho? Isso requer que pensemos um pouco mais sobre o que a palavra grega oikumene significa neste contexto.

O que é esse reino habitado para o qual o Filho é trazido novamente? Aqui, olhar para o segundo uso desse termo em Hebreus capítulo 2 versículo 5 é útil porque o oikumene é ali especificado como o reino vindouro, o oikumene vindouro. Nesse contexto, então, o autor não está olhando para o reino terrestre, os reinos habitados do mundo material, mas sim para o outro reino, o reino além, o reino divino. Esse é o reino que está vindo em relação ao autor e seus ouvintes, uma vez que eles ainda não estão presentes naquele reino.

Mas de outro ponto de vista, esse reino já existe além da terra material e dos céus visíveis. Na tradução da Septuaginta dos Salmos, os céus e a terra são falados como abaláveis e removíveis. As palavras gregas ouranoi , céus, e gei , terra, são usadas neste sentido.

Mas a palavra grega oikumene na tradução grega dos Salmos é consistentemente descrita como inabalável. O autor de Hebreus parece estar tomando sua deixa então das distinções feitas entre céu e terra e oikumene na tradução grega dos Salmos. O autor de Hebreus teria conectado o reino inabalável com o reino divino em oposição ao reino criado que está destinado a ser abalado e removido.

Hebreus 1:6 é, portanto, sobre o retorno de Cristo ao reino divino, que ele deixou em sua encarnação. Seu retorno então é o momento de sua glorificação, incluindo sua tomada de assento à direita de Deus. Enquanto o filho possuía um status maior do que os anjos antes de sua encarnação, seu retorno triunfante foi uma ocasião para celebrar sua exaltação novamente, com anjos se prostrando diante dele para reconhecer sua honra suprema após sua obediência até a morte e sua provisão para a redenção da humanidade.

O autor inicia um segundo movimento argumentativo no curso das citações bíblicas que começamos a encontrar em Hebreus 1:7. Como ele escreve, com relação aos anjos, por um lado, Deus diz, aquele que faz os espíritos dos seus anjos e seus ministros chamas de fogo. Mas com relação ao filho, o teu trono, ó Deus, é para todo

o sempre, e a vara do teu reino é a vara da justiça. Amaste a justiça e tens a iniquidade.

Por conta disso, seu Deus ungiu você com o óleo da alegria acima de seus companheiros. O autor encontra neste salmo real, Salmo 45, uma garantia para afirmar a exaltação do filho acima de outros seres celestiais, seus companheiros. A linguagem da unção aqui é particularmente apropriada, tanto para o papel e status régio do Messias quanto para seu papel e status sacerdotal, pois o autor desenvolverá uma grande extensão por meio de seu sermão.

Não apenas Jesus como rei, mas ainda mais, Jesus como nosso sumo sacerdote. O filho é permanente, permanentemente entronizado, como este texto do salmo testemunha. O autor sugere, por outro lado, que os anjos são um pouco mais volúveis .

Eles podem ser transformados em vento ou chamas de fogo para fazer a vontade de Deus. Mas o filho é constante, confiável e imutável. Esse contraste aparece ainda mais fortemente na próxima citação bíblica.

E tu, desde o princípio, Senhor, fundaste a terra, e os céus são obras das tuas mãos. Estes perecerão, mas tu permanecerás. Todos estes envelhecerão como uma vestimenta, e como um manto, tu os enrolarás; como uma vestimenta, eles serão mudados.

Mas você é o mesmo, e seus anos nunca acabarão. Este texto, Salmo 102, é originalmente parte de um salmo que implora a Deus por libertação, em parte contrastando a vida útil limitada do suplicante com os anos infinitos de Deus. Como o autor de Hebreus extraiu desses versículos, no entanto, o autor está destacando a diferença entre o reino material visível, os céus e a terra, e o sol.

O reino material é temporário. Ele está destinado à destruição como uma vestimenta que envelhece e é trocada ou como um manto que é enrolado. Mas o sol dura para sempre.

Você é sempre o mesmo, e seus anos nunca acabarão. Isso é relevante para o argumento do autor de duas maneiras importantes. Primeiro, o sol é o que dura.

Conexão com o sol é uma conexão com o que importa para a eternidade. O que quer que se possa ganhar ou perder nesta criação visível importa por um tempo relativamente curto. Isso afetará as escolhas do público em seu contexto.

Será que eles, por causa do ganho de curto prazo, realmente abrirão mão de seu domínio sobre aquele que pode lhes conceder ganho para a eternidade? Também é relevante para o argumento do autor de que o caráter imutável do sol o torna

supremamente confiável. Isso aparece de forma sutil aqui, mas mais completamente, aparecerá em Hebreus 13 versículo 8. Aqui, porém, quando o autor diz que você é o mesmo, é no contexto de ele dizer praticamente a mesma coisa que você é constante. Por exemplo, Dio Crisóstomo, um estadista e filósofo grego do final do primeiro e início do segundo século, escreveu uma oração sobre o assunto da desconfiança.

Nesta oração, ele listou razões pelas quais simplesmente não podemos confiar em outro ser humano. Ele escreve que, citação, ninguém sabe sobre ninguém se ele permanecerá como está até amanhã. Ninguém sabe se uma pessoa será a mesma amanhã que foi hoje, e isso corrói a confiança.

O autor de Hebreus, no entanto, já começou a declarar que o sol é um fundamento confiável para a confiança no futuro. Nada que a criação material tem a oferecer chega perto. O terceiro movimento argumentativo que o autor então faz vem no final do capítulo um com os dois últimos versículos.

A qual dos anjos ele já disse: senta-te à minha direita até que eu ponha os teus inimigos como escabelo dos teus pés? Há uma antítese implícita aqui. O que não foi falado a nenhum anjo foi falado ao sol nas primeiras interpretações cristãs do Salmo 110, que era geralmente lido como um oráculo divino falado a Jesus. Já o Jesus histórico era lembrado por ter recitado este versículo como um texto messiânico, um que seus oponentes estavam ignorando.

Em Marcos 12, por exemplo, encontramos Jesus puxando o Salmo 110 e perguntando aos escribas, se Davi chama o Messias de Senhor, como o Messias pode ser filho de Davi? Este é novamente um salmo real sobre a entronização do rei israelita ou judaico e se tornou um salmo messiânico sobre o futuro rei, o Messias. O significado escatológico deste versículo aqui é lembrar aos ouvintes que o filho, o Jesus a quem eles seguem, é o vencedor do fim dos tempos. Todos os inimigos dele serão submetidos ao seu governo.

De fato, todos os inimigos são especificamente desonrados, colocados abaixo de seus pés como um escabelo. O autor manterá esse horizonte escatológico claramente em vista para seu público, já que o horizonte escatológico introduz a crise com a qual ele quer que eles estejam principalmente preocupados. Enquanto seus olhos estiverem nas coisas deste mundo, o comprometimento com o grupo cristão pode começar a parecer desvantajoso.

Com os olhos firmemente fixados no dia do retorno do filho, no entanto, eles estarão mais aptos a aceitar e seguir o plano do autor para sobrevivência e até mesmo sucesso, que envolve compromisso contínuo com a confissão da fé e investimento contínuo uns nos outros e no testemunho cristão. O autor encerra esse período de argumentação com outra pergunta retórica referindo-se aos anjos. Eles não são

todos espíritos ministradores enviados para servir aqueles que estão prestes a herdar a salvação? A pergunta retórica aqui novamente assume a prontidão do público em concordar com as declarações do autor sobre os anjos.

Este é outro sinal de que o autor não está abordando aqui algum tipo de Cristologia deficiente entre o público ou um hiperentusiasmo pela adoração de anjos entre o público. Os anjos, em essência, são servos cósmicos, como é inerente ao nome dado à sua própria espécie: anjos, anjoi, mensageiros e enviados. Sua glória e status como seres sobre-humanos são meramente indicadores da maior glória e status de Jesus, agora entronizado à direita do Altíssimo .

Uma frase nesta pergunta retórica de encerramento merece consideração mais atenta. O autor se refere aos crentes como aqueles prestes a herdar a salvação. A palavra grega por trás de salvação é a familiar, *soteria*, libertação e salvação.

O autor de Hebreus tem um quadro de referência muito diferente para pensar sobre a salvação do que muitos cristãos, especialmente os cristãos de hoje. Muitos cristãos de hoje pensam na salvação como algo já possuído, já desfrutado. O autor de Hebreus, muito parecido com o autor de 1 Pedro, fala sobre a salvação como um bem futuro, como algo que vem na segunda vinda de Cristo ou em nossa recepção no reino divino para o qual Cristo nos capacitou.

Por causa do quadro de referência do autor aqui e seu uso particular de libertação ou salvação para falar sobre libertação final, é particularmente problemático introduzir a ideia de perder a salvação em qualquer discussão da teologia de Hebreus. Voltaremos a isso quando discutirmos Hebreus 6:1 a 8 em algum detalhe. O autor avançou vários de seus objetivos no capítulo 1, versículos 5 a 14.

Ele aumentou a apreciação do ouvinte pela honra de Jesus. Ele insinuou as consequências perigosas de não reconhecer essa honra. Ele estabeleceu novamente o valor temporário da criação material e visível, de modo que o único fundamento firme para esperança e confiança continua sendo o Filho e não a recuperação de bens materiais ou honra do público aos olhos de seus vizinhos, que também são atualmente inimigos do Filho.

Os ouvintes já devem estar preparados para pensar sobre esta questão. Como devo responder a este Filho para permanecer em favor e não cair no número de seus inimigos? Este é precisamente o tipo de questão que o autor continua a responder. Com a abertura do capítulo 2, o autor chega ao objetivo argumentativo do capítulo 1. Por conta disso, por conta da grandeza exaltada do Filho, que é tão grande a ponto de ter deixado os anjos para trás no pó, é necessário que prestemos ainda mais atenção diligente às coisas que ouvimos, para que não nos desviemos.

Se a palavra que foi falada por meio de anjos fosse confirmada, e toda transgressão e ato de desobediência recebesse um registro justo, como fugiríamos se negligenciássemos tanto a salvação? Por conta disso, com essas palavras de abertura, o autor identifica explicitamente que está prestes a dar o e daí do capítulo anterior, e o perigo que ele identifica é o perigo de se desviar. Se não atendermos à mensagem que ouvimos, nos desviaremos de um caminho seguro. Isso fornece uma coloração ideológica da ação que os vizinhos do cristão realmente considerariam positivamente.

O que o autor apresenta aqui é uma deriva, que os vizinhos não cristãos de Christian considerariam como um retorno aos trilhos. Dentro desse aviso, então, o autor cria um argumento menor para maior, uma forma muito comum de argumentação, tanto na retórica judaica quanto na greco-romana do período. O caso menor é a validade da mensagem que foi falada por meio de anjos, ou seja, a Torá, e a maneira como foi confirmada por Deus e levada a sério pelo povo de Deus, de modo que as estipulações da lei foram aplicadas com recompensa ou punição.

O caso maior agora é a mensagem que foi falada através do Filho . Se a Torá, a palavra menor, foi tão seriamente aplicada, quão mais estritamente a palavra entregue através do mensageiro maior, o Filho , será aplicada? Deter-se na honra de Cristo no primeiro capítulo, portanto, aumenta a severidade do insulto oferecido a Cristo quando sua mensagem e seu dom são negligenciados. Mostrar tal negligência em relação à promessa do evangelho e, portanto, afrontar o portador dessa mensagem, colocaria alguém em maior perigo do que aqueles que transgrediram a Torá.

O pastor quer que seu público considere manter-se firme no evangelho e viver com uma visão de honrar a Deus e seu Filho como suas principais prioridades. A exaltação de Jesus tornou a busca por essa agenda mais abundantemente necessária. Esta exortação inicial enfatiza a importância de ouvir e responder à palavra de Deus, que será um motivo central ao longo dos quatro primeiros capítulos deste sermão.

Também soa como o aviso dos perigos que acompanham a negligência da grande libertação e dos benefícios anunciados no retorno nos capítulos 4, 6, 10 e 12. Hebreus 2, versículos 1 a 2, portanto, soa como uma nota-chave do sermão. O autor continua nos capítulos 2, versículos 3 e 4, para falar sobre a confiabilidade da mensagem que a congregação recebeu.

Foi falado por meio do Filho , mas também foi confirmado por aqueles que testemunharam o ministério do Filho encarnado. E ainda mais importante, foi confirmado pelas ações sobrenaturais de Deus em seu meio. Dessa forma, o autor lembra aos ouvintes que a mensagem em torno da qual eles reorganizaram suas vidas, e por causa da qual eles suportaram perdas significativas, embora temporárias, é uma mensagem confiável.

É uma rocha sobre a qual construir e não algum mito volúvel que explodiu em sua comunidade. Podemos rever, então, a força retórica deste segmento de abertura de Hebreus 1:1 a 2:4. O orador refocaliza os ouvintes primeiro no Filho, na pessoa do próprio Jesus. Não é que os ouvintes estejam pensando coisas erradas sobre Jesus, mas eles estão potencialmente não pensando o suficiente sobre Jesus, não pensando o suficiente sobre Jesus, sobre os benefícios que ele trouxe e sobre as promessas de benefícios ainda por vir.

Ele também está focando os ouvintes nas apostas mais altas em jogo na situação deles. Há muito mais a ser perdido do que qualquer honra temporária ou bem que seu comprometimento com o movimento cristão possa ter causado a eles. Ele também foca os ouvintes no quadro maior em termos de espaço e tempo.

Ele está lembrando os ouvintes do pano de fundo cosmológico e escatológico de suas vidas aqui e agora. Ele os lembra da natureza temporária do céu e da própria terra, para lembrá-los do menor valor de tudo que pertence ao reino visível, para que possam pesar melhor as alternativas em sua situação imediata e para que possam fazer as escolhas que serão vantajosas para a eternidade. Embora seja uma argumentação densa das Escrituras sobre um assunto que podemos tomar como certo, a superioridade do sol sobre os anjos, o desafio do autor de Hebreus nesta parte de um sermão vem alto e claro.

Ele nos perguntaria: estamos dando à mensagem anunciada pelo sol o devido lugar em nossas vidas? Corremos o risco de negligenciar uma salvação tão grande? Esta é uma pergunta importante para continuarmos nos perguntando porque é muito fácil em nosso contexto fazer do nosso discipulado o complemento benigno para uma vida muito ocupada que, na maioria das vezes, é investida em garantir nosso bem-estar temporário. Quanto do nosso tempo, das nossas energias e dos nossos recursos investimos nas coisas desta vida, em nossos empregos, em coisas boas como prover para nós mesmos ou para nossas famílias, como redes sociais e conexões ou hobbies ou entretenimento? E quanto investimos em seguir Jesus, em crescer mais intimamente na semelhança de Cristo, em ir aos lugares que Jesus gostaria que fôssemos como seus emissários, seja para servir ou para compartilhar as boas novas ou, de alguma forma, para estender as mãos ao mundo ao nosso redor? Nossa resposta a tais perguntas de autoexame nos mostrará quais são nossas principais prioridades, sejam elas nossa vida cotidiana e bem-estar ou nosso serviço a Deus, nossa resposta adequada a Cristo, nossa valorização desse relacionamento e nossas obrigações dentro desse relacionamento acima de tudo. Outra contribuição que o autor faz é nos lembrar que, no rosto de Jesus, vemos o rosto de Deus.

Descobrimos mais das paixões e anseios de Deus nas paixões e anseios do homem Jesus. A cristologia não é, em última análise, apenas sobre quem Jesus é, mas também sobre quem Deus é, com o que Deus se importa e o que Deus espera de nós

se, de fato, compartilhamos a convicção básica do autor de que o Filho é a impressão exata do ser de Deus. À medida que estudamos os Evangelhos, em particular, e vemos com o que Jesus se importava profundamente, como ele passava seu tempo, com quem ele passava seu tempo, como ele reunia seus discípulos e os ensinava a investirem no mundo e como não investirem no mundo, estamos aprendendo mais sobre o coração de Deus, os valores de Deus, a agenda de Deus e, portanto, recebendo o convite, na verdade o privilégio, de nos alinharmos mais cuidadosamente com o coração de Deus por meio de nossas vidas cotidianas.

O autor também nos desafia a perceber continuamente a diferença entre o que é temporário e o que é eterno e a discernir como investir, alinhar e gastar com sabedoria. Uma das coisas que nos impressionam à medida que envelhecemos é a brevidade da vida e a importância de cada hora. Matamos o tempo ou usamos o tempo? Investimos nosso tempo limitado neste globo com sabedoria para a eternidade ou desperdiçamos o eu, as horas e a vida que Deus nos deu em busca daquilo que simplesmente evaporará no grande dia do retorno de Cristo, quando Deus julgará o mundo? Um corolário disso é sempre lembrar qual é a rocha sólida sobre a qual fundamentar nossas vidas, sobre a qual construir nossas vidas.

No lembrete do autor de que Cristo é eterno, enquanto o mundo e todas as suas preocupações são efêmeros e insípidos, o pregador antecipa o hino, Cristo, e as palavras ditas por meio dele como a rocha sólida. Todo o outro chão é areia movediça.